



# A via da dor

O martírio  
de Cristo em  
14 poemas

## Nesta edição

- 2 — **Opinião**  
Editorial
- 3 — **Entrevista**  
Victor Alegria
- 4 — **Pedras de Minas**  
Agenor Gonzaga dos Santos
- 5 — **Modernismo — Cabo Verde**  
C. Nunes
- 6 — **Modernismo — Cabo Verde**  
C. Nunes
- 7 — **Transfinito**  
R. de Melo Souza
- 8 — **Transfinito**  
R. de Melo Souza
- 9 — **Transfinito**  
R. de Melo Souza
- 10 — **Movimento Verde**  
Ronaldo Cagiano
- 11 — **Movimento Verde**  
Ronaldo Cagiano
- 12 — **Via Dolorosa**  
Eno Teodoro Wanke

- 13 — **Via Dolorosa**  
Eno Teodoro Wanke
- 14 — **Grande Otelô**  
J. Antonio
- 15 — **Paranoá**  
Valter Pedrosa
- 16 — **Paranoá**  
Valter Pedrosa
- 17 — **Artigo**  
Jason Tércio
- 18 — **Artigo**  
Jason Tércio
- 19 — **Poesia Visual**  
Vários
- 20 — **Poesia**  
Vários
- 21 — **Poesia**  
Vários
- 22 — **Poesia**  
Vários
- 23 — **Cartas**
- 24 — **Parque de Los Poeta**

# Baratas Baratinadas

## □ Jason Tercio

Ela surge discreta, precavida, antenas sondando através das frestas no rodapé da sala de reuniões do ministro. Dois fios dançando à espreita de alimento ou aventura. Sair do esconderijo-moradia é um impulso necessário, mas arriscado. A busca de migalhas de pão e o prazer de deslizar nos papéis, nas cadeiras e naquela mesa enorme resulta muitas vezes, em morte súbita, e trágica — esmagada por sapatos impiedosos do segurança ou do próprio ministro e seus assessores.

De repente ela cruza rapidamente a sala, desprotegida, rumo a uma bandeja de biscoito, velozes patinhas garantindo a fuga. Enormes pés se esticam (do ministro? do segurança? do assessor de imprensa?) para destruí-la. Mas outras colegas despontam dos cantos, desviando a atenção dos pés. Algumas, audaciosas, voam zombeteiras desafiando o ministro (sim, era ele, reconheciam seus sapatos) que tentava assinar um papel, sentado à mesa. Duas correm a se esconder em labirintos que só elas conhecem. Ao pressentirem sossego na sala (o ministro saía), ressurgem, descontraídas. Pulam em cima do

papel assinado que ficou na mesa.

Eram as únicas companheiras do ministro em seus momentos de solidão reflexiva, quando arquitetava os planos econômicos para salvar o País. À noite ele costumava ficar pensando ali nos grandes problemas nacionais, enquanto elas vasculhavam as migalhas de sanduíche que ele deixava cair. Quando o ministro não vinha, elas comiam só papel, uma Medida Provisória aqui, um decreto ali, um relatório, e assim passavam as noites. Ultimamente comiam também notas velhas de dinheiro, abandonadas na cesta do lixo.

Apesar das vicissitudes,

elas sobreviviam, resistentes. Sabiam que ninguém as derrotaria. Os ministros se sucediam, se revezavam, apareciam e desapareciam. Mas elas permaneciam. As fêmeas ficavam gordinhas, gerando dezenas de filhotinhos. As famílias cresciam e se multiplicavam, mesmo sob duras perseguições.

Mas um dia algumas sugeriram que fizessem um movimento por uma melhor alimentação, uma campanha contra a fome das baratas.

Enquanto o grupo estava discutindo a proposta na recepção, o ministro chegou de surpresa com alguns empresários e todos correram atrás das baratas, matando várias. Outras fingiram-se de mortas, quietinhas, a cabeça ilesa, e quando os homens se afastaram elas correram para seus esconderijos.

Mais irritadas que amedrontadas, decidiram convocar uma assembleia-geral. Chamaram colegas de outros ministérios, do Congresso Nacional, do Supremo Tribunal Federal, do Palácio da Alvorada e se reuniram na enfermaria de um hospital.

A liderança propôs que organizassem um exército de combate. Era a declaração de guerra. Não suportavam mais a discrimina-

ção, a crueldade dos homens, principalmente dos homens que mandavam no país. Eram espezinhadas todos os dias, enquanto os homens se banquetavam em reuniões suculentas. Sequer podiam passear livremente pelos cômodos dos prédios do governo. Exigiam mais respeito, tinham direitos. Afinal, viviam no mundo há séculos, antes do surgimento do homem, embora houvesse controvérsia sobre isso.

Antenas crispadas, tumulto, advertências.

“Temos condição de vencê-lo? Um pé do ministro, ou de quem quer que seja, mata dezenas de nós. Uma guerra seria expor-nos ao genocídio!”.

Uma representante do Palácio da Alvorada agitou-se sugerindo desfecharem um ataque imediato.

“É um absurdo que em plena era ecológica ainda se matem baratas. Não podemos transigir. Já sofremos muito!”.

A representante do Ministério da Saúde concordou:

“Temos força numérica, podemos articular uma guerra de nervos”.

A representante do Palácio do Planalto teve uma idéia:

“Vamos atacar também os supermercados. Não



**Salviato  
Guimarães — PSDB**

## A Essência da Alma Brasileira

*A Câmara Legislativa do DF como Poder Legislativo, é uma Casa geradora de leis, fiscalizadora, compromissada no seu dia-a-dia com os mais legítimos anseios da comunidade.*

*Mas para alcançar o patamar maior, transformando-se de uma Casa de Leis, de Poder Legislativo, em Casa do Povo, verdadeiramente identificada com a luta, o sofrimento e as alegrias de toda uma comunidade, ela tem que ir além, ela precisa refletir a essência da alma brasileira contida em suas*

*manifestações culturais. Daí a importância deste Suplemento Cultural, "DF LETRAS", fruto de nossas inquietações, nascido das discussões permanentes com todos os segmentos da sociedade, que deram-me a honra de ser o seu proponente, através da resolução 86/91, que contou com o apoio de todos os meus pares e que hoje com quase um ano e meio de existência, cumpre a missão de ser o veículo mensal das inquietações culturais que percorrem cada rua, cada praça, cada recanto e cada espaço dessa*

*Câmara Legislativa, jovem, criativa e pujante. Inquietações geradoras de cultura, sobretudo nos momentos críticos da sociedade em que desafios se transformam em dúvidas, e os seus equacionamentos em conquistas. O "DF LETRAS" representa hoje os compromissos desta Casa com o seu povo, que por suas manifestações culturais, liberta-se dos seus limites físicos para a grandeza do pensamento criativo que lhes garante como a democracia de cidadãos livres.*

podemos mais beliscar nada nas prateleiras. Está tudo tão difícil. Os donos querem que a gente morra de fome”.

A representante da Câmara dos Deputados agitou as asas:

“Sim! Podemos atacar cada um dos responsáveis por nossa miséria. Vai ser fácil. Ou será que a gente se esqueceu do susto que sempre aplicamos às mulheres? Elas gritam e se encolhem diante de apenas uma de nós. Imaginem quando aparecermos às centenas, milhares...”

Uma barata idosa, de óculos, ponderou, coçando as antenas:

“A colega está delirando, se me permite a observação. Estamos querendo combater os homens, não as mulheres. Talvez uma e outra poderão estar no caminho, mas...”

“Homem e mulher são a mesma coisa!”

“Não! são diferentes! Muito diferentes!”

“Sua machista!”

Uma baratinha adolescente começou a pular, achando tudo muito divertido:

“Vamos atacar todos os ministérios e palácios, inclusive o Itamarati...”

“E a casa da Dinda!”

“Os homens mais poderosos deste país estão querendo nos exterminar. Eles detestam dividir qualquer coisa. São muito gananciosos, egoístas, só pensam em si, não pensam nos demais seres vivos”.

“Muito bem!”

Zunzum zoeira zorra zureta polvorosas asas tremulando e um grito ecoa:

“Ao ataque! Todo o poder às baratas!”

Antenas entusiasmadas se cumprimentam, aplaudem, e uma revoada alegre comemora a decisão.

O primeiro batalhão atacou o Palácio do Planalto. Elas corriam dispersas pe-



lo saguão de entrada, deslizando para o elevador e subiram até o gabinete do Presidente. Algumas foram despedaçadas pelo segurança. A maioria conseguiu unir-se às colegas que já estavam esperando na porta do gabinete. Enquanto isso outros grupos iam se infiltrando em todos os andares dos ministérios.

Havia também os batalhões-kamikaze que atraíam a atenção dos seguranças, dos ministros e outras autoridades, e recuavam, para desviar a atenção deles, enquanto as colegas invadiam os pontos principais do governo. Era a operação-suicida. Poucas sobreviviam. Mas essa tática garantia a ofensiva geral das outras. Ruidosas, remexiam as pilhas de papéis, quantos papéis, para que serviam? No Palácio do Planalto, onde estava o grupo maior, elas entraram no comitê de imprensa, carregaram máquinas e papéis. No gabinete do Presidente pularam na gaveta da escrivaninha, e encontraram, espantadas, uma calcinha!

Pegaram a calcinha e ficaram rindo, e ao mesmo tempo intrigadas com os hábitos do Presidente.

No Ministério da Fazenda elas invadiram uma

reunião do ministro com seus assessores. Eles pararam atarefados, e mal puderam esboçar uma reação, elas os carregaram para fora da sala, o ministro escapou e correu para o banheiro. Mas elas estavam lá também, calmas, agitando as antenas para ele. O ministro chutou algumas.

No Senado elas foram à tribuna, onde estava discursando um senador, entraram na calça dele e subiram pelas pernas, fazendo cócegas. O senador, que falava sobre a crise moral no país, começou a rir e quando percebeu as baratas, saiu correndo e sacudindo a roupa. Outras faziam o mesmo na Câmara dos Deputados. Agarravam-se aos microfones das mesas, voavam e olhavam arrogantes e arreganhadas para os membros da mesa. Os deputados tentaram ignorar o batalhão de baratas, mas elas foram aumentando, aumentando, e uma nuvem escura cobriu todo o plenário, obrigando os parlamentares a uma retirada necessária.

No Planalto, o Presidente entrou no gabinete e ouviu o frêmito das asas que se debatiam e voavam para todos os lados. Ficou alucinado. Correu para a estante de livros, em busca

de um veneno em pó, comprado num dia em que ele pensou em se matar. Seu corpo inteiro estava já coberto de baratas. O Presidente esfregava as mãos no corpo, tentando afugentar as invasoras que penetravam nos bolsos, enfiavam-se entre os cabelos e orelha, e o Presidente procurando o vidro de veneno.

No Palácio do Buriti, o governador tomou uma decisão drástica. Ao ver as atacantes e não conseguindo destruí-las, apanhou algumas e espedaçou-as entre os dentes — o sabor não era muito mal.

Após comer todas, o governador telefonou aos ministérios, ao Congresso Nacional, ao Planalto, a todos os gabinetes oficiais e sugeriu a mesma solução — que as baratas fossem comidas. Era a única coisa que elas temiam.

O Presidente foi o primeiro a aceitar. Após a primeira mordida, percebeu que eram realmente macias, tinham alguma substância.

O ministro da Fazenda fez o mesmo, com alguma hesitação, mas também curiosidade. Sim, eram saborosas. Claro, não tinham o gosto de um escargot, mas, enfim, era a única forma de salvar o Brasil, destruir para sem-

pre aqueles insetos miseráveis. Todos os demais membros do governo aderiram.

Desde esse dia, o Presidente encontrou uma forma de mostrar ao povo que está realmente se sacrificando para solucionar os problemas. Ele reúne um grupo de ministros e, juntos, gravam um programa em cadeia nacional, mostrando os dirigentes do país comendo baratas, vivas.

Todas as manhãs, o próprio Presidente inicia a caça às baratas para suprir o estoque. Animado com o sucesso perante a opinião pública, ele formou uma comissão especial para examinar as melhores baratas do mercado, e até criou um prêmio para o melhor caçador de baratas do país. Na Bolsa, a cotação das baratas disparou. Nos supermercados já existem prateleiras com baratas em finas embalagens.

Mas o povo gosta mesmo é de ver o Presidente, uma vez por semana, apresentando-se em cadeia nacional com seus ministros. Ele escolhe as baratas mais gordinhas, cria suspense brincando com elas nas mãos, e coloca uma a uma entre os dentes.

Jason Tércio é jornalista e escritor



**Agnelo Queiroz — PC do B**

## Implantação da Lei de Formação de Ator

O Presidente do Sindicato dos Artistas de Brasília, Valmir Ferreira, cobrou a regulamentação e implantação da Lei 599, que prevê a inclusão dos cursos de “ator teatral” e “técnico em espetáculos de diversões” no ensino de 2º Grau das escolas públicas de Brasília. A Lei, de autoria do deputado Agnelo Queiroz (PC do B), foi sancionada pelo Executivo em novembro do ano passado, mas até agora não saiu do papel. Atualmente, o único espaço

acadêmico dedicado à formação de profissionais para o teatro é a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, mas, segundo o presidente do Sindicato dos Artistas, cerca de 80 por cento das pessoas com vocação para as artes cênicas deixam de frequentar a Faculdade Dulcina por causa das altas mensalidades cobradas.

A Lei do deputado Agnelo Queiroz recebeu o apoio da Associação Nacional das Entidades de Artistas

e Técnicos em Espetáculos de Diversões (Aneate). “Vamos propor projeto de lei idênticos em outros estados da Federação”, anunciou o secretário-geral da entidade, Amaro Santos da Silva. Afora Brasília, que já tem lei sancionada, só o Paraná implantou nos currículos das escolas públicas esses cursos. A lei em vigor na capital federal prevê a formação de profissionais nas funções de ator, cenógrafo, iluminador, figurinista, aderecista, secretário teatral e sonoplasta.